

SINTAXE GERATIVA: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA PORTUGUESA¹

GENERATIVE SYNTAX: REFLECTIONS ON THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF THE PORTUGUESE LANGUAGE¹

**Matheus Mario da Costa²
Nilsa Teresinha Reichert Barin³**

RESUMO

O desinteresse pelo estudo de sintaxe da língua portuguesa tem aumentado ao longo do tempo, porque a gramática tradicional, ao invés de explicar como ocorre a construção frasal, dita normas para o uso da língua. A gramática gerativa, por outro lado, preocupa-se com a questão estrutural, mostrando todas as transformações ocorridas na frase e por que são utilizadas tais estruturas a partir de um nível maior de abstração, a estrutura profunda. Com o objetivo de mostrar as vantagens da gramática gerativa na investigação da sintaxe, foi realizado um estudo comparativo com a gramática tradicional em que se analisaram duas unidades didáticas em escolas da região centro de Santa Maria – RS. A partir desse estudo, percebeu-se que a norma utiliza a semântica para classificar orações, não conseguindo explicar a construção frasal nem as relações existentes na frase. A gramática sintagmática, com base na questão estrutural, mostra por que são utilizadas tais estruturas a partir de regras de reescritura e informações teóricas que permitem escrever qualquer construção frasal da língua portuguesa, simplificando o ensino.

Palavras-chave: sintaxe gerativa, ensino.

ABSTRACT

The lack of interest in the study of the Portuguese language syntax has increased due to problems shown by the traditional grammar whi-

1 Trabalho de Iniciação Científica - PROBIC.

2 Acadêmico do Curso de Letras - UNIFRA.

3 Orientadora - UNIFRA.

ch, instead of explaining how the sentence construction occurs, establishes rules for language use. The generative grammar, on the other hand, deals with the structural matter, showing all transformations occurred in the sentence and the reason why such structures are used from a higher level of abstraction, the deep structure. With the aim of pointing out the advantages of the generative grammar in the investigation into syntax, a comparative study with the traditional grammar was carried out, in which two didactic units of schools downtown Santa Maria, RS, were analyzed. From this study, it was observed that the norm uses the semantics to classify the clauses, without explaining the sentence construction or the existing relationships in the sentence. The phrasal grammar, based on structural matter, shows why such structures are used up from rewriting rules and theoretical information which allow describing any sentence construction of the Portuguese language, simplifying the way it can be taught.

Keywords: generative syntax, teaching.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir algumas considerações no ensino da Língua Portuguesa, visto que a gramática tradicional se limita ao estudo superficial da estrutura sintática. Dessa forma, as bases teóricas utilizadas na análise sintática se encontram, em geral, nos estudos semânticos. Para uma maior compreensão da estrutura frasal, é necessário recorrer a um nível maior de abstração, ou seja, estudar todas as transformações ocorridas desde a estrutura profunda, para que o aprendiz esteja apto a refletir sobre as diversas possibilidades da língua.

Primeiramente, será apresentado um embasamento teórico a partir dos estudos lingüísticos, conforme a visão gerativa, em que há apontamentos e comparações com a gramática tradicional. Nesse momento, serão apresentadas as regras universais que dão suporte a toda construção frasal. Entretanto, esse estudo se baseia na visão estrutural da frase, distinguindo o aspecto sintático e o semântico. Ambos são essenciais e interligados na frase, mas pertencentes a áreas distintas.

Posteriormente, serão analisadas duas unidades didáticas em escolas de ensino médio da cidade de Santa Maria – RS, fazendo-se um levantamento da linha teórica utilizada, propiciando tanto a abordagem tradicional como a gerativa. O intuito desse trabalho é mostrar que a gramática gerativa contribui para os estudos sintáticos, uma vez que preenche as lacunas da gramática tradicional, proporcionando um aprendizado que

dá suporte à compreensão de como organizar bem frases em Língua Portuguesa e não apenas à memorização pura e simples de normas.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O ensino da língua portuguesa, baseado na gramática tradicional, tem apresentado uma série de dificuldades frente aos problemas causados pela “inconsistência teórica e falta de coerência interna; seu caráter é predominantemente normativo e o enfoque é centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as variantes”, conforme Perini (2002, p. 06).

As críticas em relação à norma têm sido constantes entre professores e lingüistas, pois, segundo Kreutz (1995), “um problema crucial é o da falta de critérios sintáticos para a determinação das funções dos termos da oração e das orações do período” (p. 07), sendo adotados critérios semântico-pragmáticos, lógico-semânticos, ou semântico-sintáticos para a análise gramatical, dependendo da situação. Acrescenta, ainda, que “o resultado do uso dessa mescla de parâmetros são classificações idênticas para termos/orações que têm funções sintáticas distintas; e classificações distintas para termos/orações que têm funções sintáticas idênticas” (p. 08).

Estudos lingüísticos recentes apontam vários métodos de análise sintática o que, às vezes, não é bem aceito pelos gramáticos. Bechara (2000) defende que a gramática descritiva é científica e deve registrar e descrever o sistema lingüístico, mas é a gramática normativa que deve modelar o uso da língua entre os falantes, seja em termos pedagógicos ou no cotidiano. Mas, segundo Chomsky (1965), “a gramática de uma língua particular deve ser completada por uma gramática universal que dê conta do aspecto criativo do uso da linguagem e que formule as regularidades profundas que, por serem universais, são omitidas da gramática propriamente dita” (p. 86).

A sintaxe gerativa, com base em uma visão matemática, procura descrever e explicar toda estrutura sintática ligada ao ato comunicativo, satisfazendo essa adequação explicativa universalista. Chomsky (1965) acrescenta: “uma gramática gerativa (grifo nosso) deve consistir num sistema de regras que, dum modo interativo, podem gerar um número indefinidamente grande de estruturas” (p. 97) .

Nesse trabalho, pretende-se não privilegiar apenas uma área de estudo ou um tipo específico de gramática, mas apresentar a visão da gramática gerativa em comparação com a gramática tradicional, levantando hipóteses e argumentando sobre as diversas abordagens teóricas, inclu-

sive mostrando a superficialidade com que, em geral, a norma apresenta seus conceitos e definições. Para isso, será feita uma descrição estrutural da língua materna iniciando com a organização e estruturação da frase.

ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DA FRASE/ORÇÃO

A frase é a expressão verbal de um pensamento ou o enunciado capaz de estabelecer uma comunicação, para isso, deve ter um sentido completo; e, quanto à extensão, pode ser formada por um termo ou pela combinação de elementos. Na escrita, a frase inicia por uma maiúscula e termina com sinais de pontuação. Diferencia-se, basicamente, da oração por esta ser constituída de sujeito (podendo não estar em nível oracional) e predicado (obrigatório), além de inúmeros termos e também orações.

Nesse estudo, utilizar-se-ão as orações por apresentarem uma estrutura propícia para a análise gramatical, pois possuem linearidade e hierarquia entre os constituintes. Partindo do princípio dessa ordenação, Perini (2000, p. 227) propôs uma regra de estrutura sintática para a oração, sendo que os termos nos parênteses podem ou não aparecer explícitos:

O → [(Suj) + Pred + (OD)]

- | | |
|-----|---|
| (1) | <u>A menina</u> <u>ganhou</u> <u>um presente.</u> |
| | Suj Pred OD |
| (2) | <u>O amigo de Pedro</u> <u>chegou.</u> |
| | Suj Pred |
| (3) | <u>Trovejou.</u> |
| | Pred |
| (4) | <u>Cuidado!</u> |
| | Interjeição |

Nas frases acima, pode-se perceber que os exemplos (1), (2) e (3) apresentam, no mínimo, um predicado, constituinte obrigatório na oração. Já o exemplo (4) não possui predicado, mas é um ato comunicativo e tem sentido completo, portanto, uma frase, mas não oração. Dos exemplos citados, verifica-se que toda a oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração.

Silva & Koch (2001) estabelecem uma regra de constituição para toda e qualquer frase formada de um conteúdo proposicional ou proposição (P), ou ainda, oração (O) composta por elementos lingüísticos (sintagmas) que se organizam através de pergunta, exclamação, ordem, desejo, etc, em forma de tipos de frase (T).

É a proposição que será descrita estruturalmente através das regras de reescritura, de estrutura frasal ou de base, em que os elementos mantêm relações de ordem e dependência. Será visto adiante que a descrição da estrutura sintática é formal e não semântica, como, em geral, a gramática tradicional expõe quando conceitua o sujeito como aquele de quem se diz algo. Para a gramática descritiva, sujeito é o termo que está em relação de concordância com o verbo (Ndp).

Uma oração é formada por unidades menores significativas, ou seja, constituintes que compõem uma unidade sintático-semântica chamada sintagma. Mas, como descobrir quais são os sintagmas de uma oração? Para isso, Silva & Koch (2001) utilizam o procedimento da comutação com os seguintes objetivos: a) segmentação – decompor o conteúdo proposicional em subconjuntos; b) substituição – verificar quais subconjuntos possuem a mesma função.

A menina chegou.

Pedro foi ao baile.

A menina } chegou.
Pedro } }

A menina } chegou.
 } foi ao baile.

Os sintagmas

O sintagma é um conjunto de elementos com valor significativo na oração, mantendo entre si uma relação de dependência e de ordem. Nos exemplos acima, as orações foram divididas em dois constituintes que assumem as mesmas características e funções: no primeiro, encontram-se os termos *a menina*, *Pedro*, formando um tipo de sintagma, no caso, nominal, pois possuem como núcleo um nome. Já, no segundo constituinte, tem-se os termos *chegou* e *foi ao baile*, formando um sintagma verbal, cujo núcleo é um verbo. A denominação de cada sintagma depende de seu núcleo. Além do sintagma nominal (SN) e do sintagma verbal (SV), temos o sintagma adjetival (SA), cujo núcleo é um adjetivo e o sintagma preposicionado (SP) formado, normalmente, de preposição + sintagma nominal. Essas classificações sobre sintagmas e as explicações e exemplificações que se seguirão estão baseadas em Silva & Koch (2001), além de contribuições de outros autores que serão apresentados no decorrer deste trabalho.

Todas as orações podem ser decompostas em, no mínimo, dois constituintes: SN + SV, independente de sua extensão. Destes dois constituintes, o SV deverá sempre aparecer explícito, o que, às vezes, não acontece com o SN, como no exemplo (6). No entanto, seu lugar é garantido no sintagma-base, embora não apareça estruturalmente.

(5) João e Maria|compraram um presente para seus pais.

SN SV

(6) (Eles)|Compraram um presente para seus pais.

SN SV

A gramática tradicional inclui a classificação de oração sem sujeito para as orações em que o processo verbal não se refere a nenhum ser, como no exemplo (7), embora a sintaxe gerativa estipule a existência obrigatória de um sujeito e um predicado. A explicação parte da estrutura e não do significado e porque essas frases possuem um sintagma nominal lexicalmente não preenchido.

(7) (Δ)|Choveu.

SN SV

Além dos dois sintagmas obrigatórios já descritos, há um terceiro com as seguintes características: a) é facultativo - pode ser retirado da oração sem prejudicar a estrutura sintática; b) é móvel - pode ser deslocado para várias posições da estrutura sintática entre os sintagmas; c) possui a forma de um sintagma preposicionado.

(8) Joãozinho|chegará|amanhã.

SN SV SPc

Conforme colocações feitas acima, pode-se descrever as regras de estrutura frasal da seguinte forma:

$F \rightarrow T + P$

$O \rightarrow SN + SV (SP)$

1 Sintagma nominal

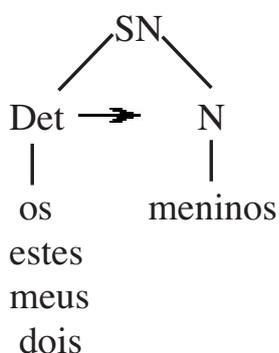
O sintagma nominal pode ter como núcleo um nome (N) ou um pronome (Pro) substantivo (pessoal, demonstrativo, indefinido, interrogativo, possessivo ou relativo). O SN pode ser formado apenas pelo núcleo, ou também por outros elementos, como o determinante (Det), o modificador (Mod) e outros sintagmas.

O determinante pode ser simples ou complexo. Simples, porque apresenta um elemento representado pelo artigo, numeral ou pronome adjetivo.

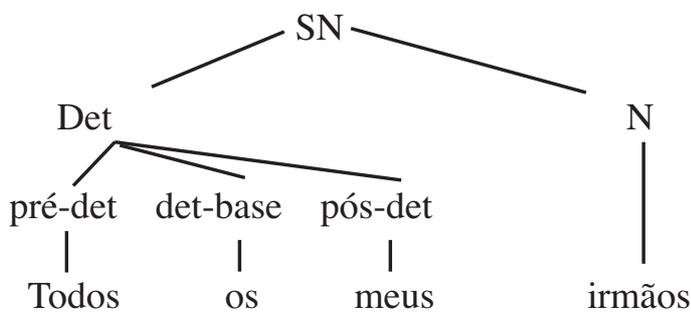
Complexo por ser constituído por mais de um elemento. Neste caso, funcionam como determinante-base o artigo e o pronome demonstrativo; como pós-determinante, os numerais e os possessivos e, como predeterminante, certas expressões indefinidas (todos, a maior parte de, etc.). Todos esses elementos obedecem a uma ordem de colocação. A regra completa do determinante é a seguinte:

Det → (pré-det) det-base (pós-det)

a) Determinante simples



b) Determinante complexo



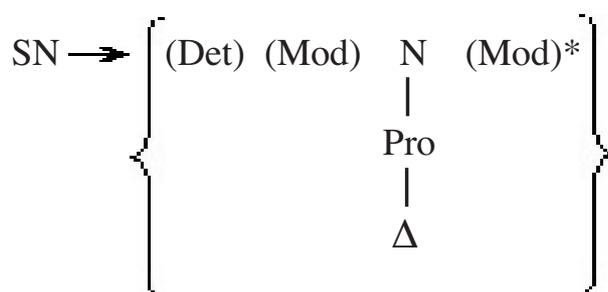
Com a regra de estrutura frasal apresentada, já se pode evidenciar uma divergência em relação à gramática tradicional, visto que, na regra exposta, cada elemento tem um papel definido no sintagma, enquanto que pela norma todos os elementos periféricos recebem a denominação de adjuntos adnominais.

Os modificadores podem ser compostos por sintagmas adjetivais ou por sintagmas preposicionais, apresentando a seguinte regra:

Mod → SA
SP

O modificador, quando anteposto ao nome, recebe o rótulo de Mod, visto que é formado apenas por um elemento; já, quando posposto ao nome, pode ser expresso como SA ou SP por apresentar mais de um elemento, como será visto adiante nas regras de estrutura do sintagma preposicionado e adjetival. Essa diferença de rótulo não seria necessária, pois ambos representam, caracterizam o nome, mas resultam num melhor entendimento quanto à extensão e às diversas possibilidades de emprego. O SA ou SP posposto ao nome será modificador quando for dependente do mesmo quanto à regência e contexto.

A regra de reescritura do sintagma nominal pode ser assim descrita:



* Modificadores do nome que podem ser dados por SA ou SP.

2 Sintagma preposicionado

O sintagma preposicionado é constituído, basicamente, de preposição + SN. No entanto, estudos realizados com base na segmentação, substituição e função que exercem no enunciado mostraram que o advérbio também pode funcionar como SP, como nos seguintes exemplos:

(9a) Pedro ouviu a palestra com atenção.

(9b) Pedro ouviu a palestra atentamente.

Essa opção foi adotada tanto por Silva & Koch (2001) como por Lemle (1989), baseada em argumentos como: a) vários advérbios admitem uma locução adverbial correspondente: rapidamente – com rapidez; atentamente – com atenção, etc; b) os advérbios constituem um inventário fechado, enquanto que as locuções adverbiais (sintagmas preposicionados) formam, em geral, um inventário aberto, sendo mais coerente admitir os advérbios e suas locuções correspondentes como SP; c) a descrição baseia-se na função que esses elementos exercem no enunciado e não na sua estrutura. Dessa forma, o SP pode ser visto como uma forma indefinida de expansão da língua sobre as modificações adverbiais. Cabe salientar que os sintagmas preposicionados não podem ser transformados em advérbios, como no seguinte exemplo:

(10) cheio de areia

Com tal posição, a regra de reescritura do SP é a seguinte:

$$\text{SP} \left\{ \begin{array}{l} \text{prep + SN} \\ \text{adv} \end{array} \right.$$

Os sintagmas preposicionados podem ser divididos em SPa e SPc. Os SPa são aqueles que exercem função de modalizador ou intensificador e podem ocorrer dentro de outro sintagma (SPai) ou externamente (SPae), fazendo referência à oração como um todo, determinando-lhe uma circunstância, sendo, ainda, considerado um terceiro constituinte independente formador da frase. Pode-se acrescentar, ainda, que o SPa não é um termo obrigatório na oração, podendo ser retirado sem alterar a gramaticalidade da frase, mas mudando seu significado no contexto, visto que eles são utilizados para delimitar, especificar, caracterizar, etc. o nome a que se referem. Os SPc exercem a função de complemento de acordo com a regência nominal ou verbal do termo a que se subordinam. Tradicionalmente, o SPa é o adjunto adnominal; o SPae, o adjunto adverbial; e o SPc pode ser o objeto indireto ou complemento nominal.

(11) O amigo de Paulo chegou.

SPa

(12) O homem foi chegando lentamente.

SPae

(13) A realização do evento é fundamental.

SPc

(14) Pedrinho precisa de segurança.

SPc

3 Sintagma adjetival

O SA tem como núcleo um adjetivo que pode ser acompanhado de intensificadores (Intens), modificadores (SPa) que se encontrarão antepostos ao adjetivo e/ou sintagmas preposicionados (SPc) pospostos a ele.

A regra de reescritura é a seguinte:

$$\text{SA} \left\{ \begin{array}{l} \text{(Intens) (SPa) Adj (SPc)} \end{array} \right.$$

(15) As drogas são extremamente prejudiciais ao ser humano.

Intens

Adj

SPc

4 Sintagma verbal

O sintagma verbal (SV) é um dos constituintes obrigatórios da oração, podendo ser formado por apenas um verbo (tempo verbal simples) ou mais de um (tempo verbal composto ou locução verbal). Além de seu elemento base, o SV pode ser acrescido de outros termos e/ou sintagmas, dependendo do assunto abordado e da transitividade verbal.

Quanto à transitividade verbal, há duas visões diferentes: a gramática tradicional e a gramática descritiva. A primeira classifica os verbos em transitivos (direto, indireto ou direto e indireto), intransitivos ou de ligação, dependendo se o mesmo indica ação, qualidade, etc, pede ou não complemento e qual o tipo (com ou sem preposição). Na visão descritiva, segundo Perini (2000), os verbos possuem certas propriedades que podem ser definidas por traços, pois determinados verbos podem vir ou não acompanhados de complemento, sendo que esses recebem o traço de aceitarem livremente um complemento. Os verbos são divididos em [Rec-OD] - (recusa OD), [Ex-OD] - (exige OD) e [L-OD] - (aceita livremente OD), traços que resultam em onze matrizes de transitividade. Nessas matrizes aparecem traços, além dos já citados, como [Rec-Pv] - (recusa predicativo), [Rec-CP] - (recusa complemento do predicado), [Ex-CP] - (exige CP), entre outros. Este assunto será retomado mais adiante, quando serão tratadas as funções sintáticas que podem ser exercidas pelos sintagmas. Nesse estudo, será salientada a superficialidade da gramática tradicional, visto que não explica porque 58% dos verbos podem vir acompanhados de complemento ou não, pois muitos verbos considerados intransitivos recebem complemento.

A gramática descritiva explica o funcionamento desses verbos a partir das regras de reescritura e dos traços que apresentam em cada oração. Os exemplos abaixo apresentam diferentes ocorrências verbais.

(16) Ele conquistou o prêmio. V [Ex-OD]
 Vtr SN

(17) Joana necessita de dinheiro. V [Ex-OI]
 Vtr SPc

(18) Marcelo recebeu um presente do avô. V [Ex-OD-OI]
 Vtr SN SPc

(19) O passarinho morreu. V [Rec-OD]
 Vintr

(20) Maria chegou. V [L-OI]
 Vintr

(21) Maria chegou de Porto Alegre. V [L-OD]

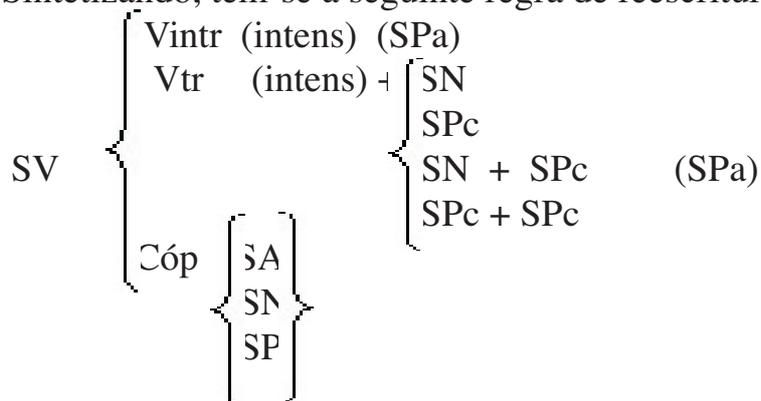
Vtr SPc

(22) O carro está lindo. V [Ex-CP]

Cóp SA

Nos exemplos (20) e (21), verifica-se que o mesmo verbo ‘chegou’ admite duas possibilidades: no primeiro exemplo como intransitivo e no segundo, como transitivo indireto. Para a gramática tradicional, ‘de Porto Alegre’ não seria complemento, mas um adjunto adverbial.

Sintetizando, tem-se a seguinte regra de reescritura:



Vantagens da gramática gerativa

A descrição estrutural das orações utilizada pela gramática gerativa difere, em geral, das normas estabelecidas pela gramática tradicional. Essa visão da estrutura fornece meios mais adequados para a análise gramatical, principalmente nos seguintes aspectos:

a) verbos considerados intransitivos pela norma podem, em alguns casos, receber um complemento (SN e/ou SPc), com a finalidade de explicitar ou qualificar o processo verbal. Os exemplos (20) e (21) mostram essa variação no emprego de um mesmo verbo;

b) a distinção entre verbos pronominais essenciais e acidentais torna-se visível. A partícula se, no primeiro caso, faz parte do verbo; no segundo caso, forma um sintagma dentro do SV ;

(23) Paulo e Maria se amam.

SN V

(24) Paulo enganou-se com as atitudes de seu colega.

V

c) permite a descrição de estruturas com dois objetos indiretos, como no exemplo (25), em que ambos constituintes são classificados como SPc. Pela gramática normativa, a análise definiria um objeto indireto ao administrador e um adjunto adverbial de assunto do projeto;

(25) Pedro falou do projeto ao administrador.

SPc SPc

d) na gramática tradicional, há uma diferenciação entre complemento verbal e certos modificadores circunstanciais, que também funcionam como complementos, o que não é justificável, portanto, não há uma distinção satisfatória sobre tais constituintes.

(26) O jogadores gostaram de Santa Catarina.

(27) Os jogadores chegaram de Santa Catarina.

(28) Os jogadores divertiram-se em Santa Catarina na noite passada.

Se os termos grifados nos exemplos acima forem analisados de acordo com os critérios tradicionais, o sintagma de (26) é objeto direto e os sintagmas de (27) e (28) são adjuntos adverbiais. Porém, de acordo com a gramática gerativa, (26), (27) são SPc, ou seja, complementos verbais; já, 'em Santa Catarina' e 'na noite passada' em (28) são SPae, portanto, modalizadores circunstanciais. O sintagma verbal permite diferenciar os complementos verbais dos modalizadores circunstanciais e atitudinais de maneira simples e coerente;

e) a descrição estrutural permite desfazer ambigüidades como:

(29) O policial assistiu à briga da rua.

Pode-se ter duas interpretações sobre a frase:

1) no caso de ser o policial que estava na rua assistindo à briga, tem-se a frase dividida em três constituintes, isto é, SN + SV + SPae, cuja regra completa seria a seguinte:

RR \rightarrow SN (Det-b + N) + SV (V + SPc (Prep + SN (Det-b + N))) + SPae (Prep + SN (Det-b + N));

2) já, se for a briga que estava acontecendo na rua, tem-se dois constituintes, ou seja, SN + SV e a regra completa a seguinte:

RR \rightarrow SN (Det-b + N) + SV (V + SPc (Prep + SN (Det-b + N + SPae (Prep + SN (Det-b + N))))).

A gramática sintagmática, conforme argumentam Silva & Koch (2001), apresenta várias vantagens na análise sintática em relação à gramática tradicional, mas não é suficiente para dar conta de todas as situações da língua, pois, como apresenta uma única descrição estrutural da língua, às vezes não consegue explicar fatos como: a) mostrar a relação entre estruturas aparentemente diferentes como (30) e (31); b) diferenciar estruturas aparentemente idênticas como (32) e (33); c) desfazer ambigüidades como em (34).

(30) É indispensável que eles entreguem o pedido.

(31) Que eles entreguem o pedido é indispensável.

(32) O espelho refletiu a sua imagem.

(33) O mestre refletiu um instante.

(34) Paulo disse que Pedro entregou o presente e Paulo também.

Através da descrição estrutural da oração, percebe-se que (30) e (31) possuem o mesmo significado, porém são descritas independentemente e estruturalmente diferentes. Nas orações (32) e (33), a estrutura é semelhante, mas os SN2 não pertencem ao mesmo constituinte, além de terem o verbo com significado diferente. E, quanto à (34), fica para ser estudado como desfazer a sua ambigüidade.

Possibilidades do emprego dos sintagmas

Os sintagmas podem exercer várias funções na oração. Perini (2000, p. 76-90) define critérios a partir de traços que determinam as funções sintáticas exercidas pelos elementos na oração; e, ainda, as regras de reescritura sintagmática (RR) adotadas por Silva & Koch (2001, p. 20-28):

[+CV] - concordância verbal (concorda com o verbo).

[+CN] - concordância nominal (concorda com o termo a que se refere).

[+Ant] - anteposto (pode ocorrer no início da oração).

[+Pv] - Predicativo.

[+CP] - complemento do predicado.

[+Q] - pode ser retomado por meio do elemento que.

[+Cl] - clivagem, através da construção do verbo ser mais o item que.

O sinal + (positivo) ou – (negativo) significa a possibilidade de estar ou não em relação de concordância.

a) Sintagma nominal:

• Sujeito: tradicionalmente, é o termo de quem se diz algo e o verbo deve concordar com o sujeito; porém, na Gramática Descritiva, o elemento em concordância é o sujeito em relação ao verbo que é inalterável. Possui [+CV]. Na regra de reescritura é um dos elementos obrigatórios da frase.

(35) Os meninos voltaram.

• Objeto: é um complemento verbal que possui [- CV, +Ant, +Q], podendo vir acompanhado de preposição quando se quer dar ênfase ao complemento, transformando-se, nesse caso, em SPc. Na regra de reescritura, o objeto está no interior do SV.

(36) A criança ganhou uma bola.

(37) Uma bola, a criança ganhou.

(38) Foi uma bola que a criança ganhou.

• Complemento do predicado (CP): ocorre após o verbo de ligação (cópula ou Cóp) e é chamado, tradicionalmente, de predicativo do sujeito. Possui os seguintes traços: [- CV, +Ant, +CN]. Difere do objeto direto devido ao traço [- CN] que este possui. Na regra de reescritura está ligado diretamente ao Ndp que é um Cóp. Normalmente será uma qualidade ou estado do sujeito

(39) Maria é uma pintora.

(40) Uma pintora, Maria é.

• Predicativo (Pv): é o predicativo do objeto da GT. Possui os traços [- CV, +CN, - Ant, +Q]. Na regra de reescritura está diretamente ligado a um SN ou SP (Objeto) e não ao Ndp.

(41) Os telespectadores acharam o filme bom.

(42) Os telespectadores acharam o filme o quê?

b) Sintagma preposicionado:

• Modificador oracional: o sintagma forma um terceiro constituinte, independente e externo, pois está ligado à oração como um todo. Possui os traços [- CV, +CN, +Ant]. É o tradicional adjunto adverbial.

(43) Ele chegou atrasado.

(44) Atrasado, ele chegou.

• Modificador atitudinal/circunstancial: na regra de reescritura, esse sintagma está no interior do SV. Possui os traços [- CV, +CN, - Ant]. Pela norma, é classificado como adjunto adnominal.

(45) Ela decorou o apartamento completamente.

• Complemento do predicado (CP): o sintagma está ligado ao Ndp, complementando um Cóp que, normalmente, insere qualidade ou estado ao sujeito. É chamado de predicativo do sujeito pela norma. Possui os traços [- CV, +Ant, +CN].

(46) A menina está doente.

• Objeto: é um complemento verbal com traços [- CV, +Ant, +Q]. Na RR, o objeto estará ligado ao Ndp que é transitivo, complementando-o.

(47) O jovem precisa de ajuda.

c) Sintagma Adjetival:

• Predicativo (Pv): tradicionalmente, é o predicativo do objeto. Na RR, o sintagma complementa um SN/SP - objeto, possuindo os seguintes traços: [- CV, - Ant, +CN, +Q].

(48) Os trabalhadores chamam-lhe intrigueiro.

• Atributo: possui os traços [- CV, +Ant, -Q, +CN]. É um sintagma

que remete qualidade ou estado a um SN, normalmente sujeito. Diferencia-se do Pv por ter traço [+Ant].

(49) A moça aceitou a proposta sensibilizada.

(50) Sensibilizada, a moça aceitou a proposta.

• Complemento do predicado: ocorre após o Ndp (cópula), sendo chamado, tradicionalmente, de predicativo do sujeito. Possui os traços [- CV, +Ant, +CN]. Na regra de reescritura está ligado diretamente ao Ndp.

(51) A lua é bonita.

FRASES SIMPLES - TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS

As frases apresentam uma estrutura profunda (EP) que se caracteriza pela utilização dos termos em sua forma normal, isto é, ao ser nominalizado um referente, este será repetido sempre que for mencionado, não sendo empregado nenhum recurso lingüístico que o substitua. A partir da estrutura profunda ocorrem transformações lingüísticas, como substituição, apagamento, etc, que resultam na estrutura superficial (ES). Esses recursos empregados em frases simples são denominados por Silva & Koch (2001) como transformações de pronominalização, podendo ser clíticas, oblíquas ou reflexivas.

a) Transformação clítica: o pronome reto é transformado em pronome oblíquo átono quando este for complemento verbal. Após a transformação não pode estar acompanhado de preposição, compondo um SN – objeto. É clítico por estar em torno do verbo, podendo vir antes, no meio ou depois, de acordo com suas regras de emprego.

(52a) Maria o viu naquela manhã. (Estrutura Superficial)

(52b) Maria viu ele naquela manhã. (Estrutura Profunda)

b) Transformação oblíqua: o pronome reto é transformado em pronome oblíquo tônico, que vem antecedido de preposição, constituindo um SPc ou SPa.

(53a) Pedro deu um presente para eu. (EP)

(53b) Pedro deu um presente para mim. (ES) – T. Oblíqua

(53c) Pedro deu-me um presente. (ES) – T. Cliticização.

Muitas frases, como as citadas, admitem tanto a pronominalização oblíqua como a clítica. Esta implica o apagamento da preposição e transformação em pronome oblíquo átono, localizado ao redor do verbo. Também é possível a permuta de posição, resultando na seguinte frase:

(54) Pedro deu para mim um presente.

c) Transformação reflexiva: pode ser clítica ou oblíqua. Ocorre

quando, na mesma frase, existem dois SNs idênticos e correferenciais.

(55) A menina olhou-se no espelho. (ES) - T. reflexiva clítica

(56) A menina guardou o segredo para si. (ES) – T. reflexiva oblíqua

FRASES COMPLEXAS - AS TRANSFORMAÇÕES

As frases complexas apresentam duas ou mais orações, interdependentes semântica e pragmaticamente, ligadas por meio de procedimentos sintáticos de coordenação (combinação e adição) e/ou subordinação (encaixamento e substituição), através de diferentes regras transformacionais aplicadas desde a estrutura profunda até a superficial. Esse estudo terá como base Silva & Kock (2001), sendo trabalhadas as transformações de encaixamento ou subordinação que, segundo Kreutz (1995), gerencia a sintaxe da frase, pois, seja através da palavra, do sintagma ou da oração, há uma relação de dependência e ordenação entre os elementos sintática e semanticamente.

Transformações de encaixamento

Oração encaixada ou subordinada é aquela que ocupa o lugar de um constituinte da oração matriz ou principal, exercendo a função sintática desse constituinte, portanto, completando o sentido da frase, além de se tornar um componente obrigatório para a gramaticalidade da mesma. As frases encaixadas podem ser divididas em três tipos: a) completivas, ocupando a posição de um SN; b) circunstanciais, ocupando a posição de um SPa; c) relativas, ocupando a posição de modificadores adjetivais do nome. Porém, antes de serem apresentados os tipos de orações encaixadas, abordar-se-ão alguns aspectos sobre os limites da oração principal, visto que a gramática descritiva apresenta uma interpretação diferente da gramática tradicional.

No exemplo:

(57) Ele disse que compraria o presente.

Tradicionalmente, *Ele disse* é a oração principal e *que compraria o presente* é a oração subordinada. Ora, se uma oração deve ser constituída de sujeito e predicado para ser gramaticalmente correta e a oração subordinada funciona como termo de outra oração (principal), ocupando a posição e função do constituinte da oração principal, não se pode dizer que a oração principal de (57) é apenas *Ele disse*. Com essa definição estarão sendo negados os dois conceitos salientados acima, pois o verbo “dizer”

exige complemento e o predicado dessa frase deve ser composto do verbo mais complemento. Além disso, as orações são formadas por termos (integrantes e acessórios), ou seja, os termos são partes da oração. No caso acima, o complemento do verbo é um termo obrigatório. E, se a oração subordinada ocupa a posição de um constituinte da oração principal, este constituinte (SN – objeto, no caso do exemplo) faz parte da oração principal e não pode ser separado da mesma. Esse estudo foi realizado por Perini (2000) que classifica (57) da seguinte forma:

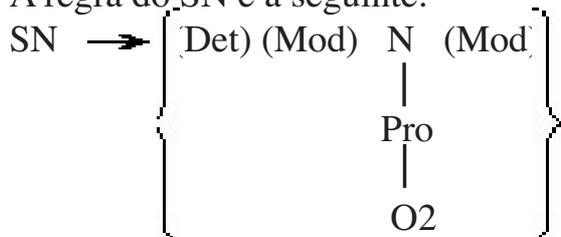
Ele disse que compraria o presente - oração principal
 que - complementizador
 compraria o presente - oração encaixada

Adotando esse critério de classificação, não há conflito entre a teoria e a prática gramatical, pois os elementos realmente exercem a função descrita.

1 Completivas

As orações completivas, tradicionais substantivas, são aquelas que ocupam a posição de um SN na oração matriz, podendo exercer a função de sujeito (Suj), objeto direto (OD), objeto indireto (OI), complemento nominal (CN) predicativo (Pv) ou aposto (AP). Na estrutura profunda, a posição vazia onde se opera o encaixe da completiva é marcada pela pró-forma algo, alguma coisa, isto, que indica onde será inserida a oração.

A regra do SN é a seguinte:



(58) ALGO é preciso.

Ele chegar cedo. (oração a ser encaixada no lugar da pró-forma)

É preciso que chegue cedo. (completiva com função de sujeito)

A posição da pró-forma na oração definirá a função da completiva, sendo que seu encaixamento pode se dar por meio de dois complementizadores: QUE, introduzindo orações desenvolvidas e o –R, introduzindo orações reduzidas. O emprego de qualquer um dos complementizadores resulta em alguns ajustes na oração, como será visto adiante.

1.1 Complementizador QUE:

Ao se introduzir a oração encaixada, O2 ocupa a posição da pró-forma com o acréscimo do complementizador QUE. Esse encaixamento se dá com alguns ajustes quanto ao modo verbal, ao tempo, ao uso da preposição e ao apagamento do SN idêntico ou extraposição.

Modo verbal: dependendo do verbo da oração matriz, o verbo da oração encaixada poderá ser usado no indicativo ou irá para o subjuntivo (transformação de subjuntivização).

Tempo: o tempo verbal da oração encaixada depende, várias vezes, do tempo verbal da oração matriz:

a) se o verbo exige o subjuntivo na oração encaixada, a presença do presente ou passado do indicativo na matriz determinará, respectivamente, o presente ou passado do subjuntivo na encaixada.

(59) Desejo que entregues o material.

b) a transposição do discurso direto para o indireto, estando o verbo da matriz no passado, transformará, normalmente, o verbo da encaixada de presente a imperfeito, de perfeito a mais que perfeito, de futuro do presente a futuro do pretérito, etc.. Cabe ressaltar que os critérios adotados obedecem aos padrões gramaticais, mas há contextos comunicativos em que são adotados critérios pragmáticos que não obedecem a tal abordagem.

() O médico disse: - Irei ao consultório amanhã.

O médico disse que iria ao consultório no dia seguinte.

Uso da preposição: em nível de linguagem menos formal, normalmente, há o apagamento da preposição exigida pelos verbos seguidos de sintagma preposicionado.

(61) Ele gosta de ALGO.

Paula dar um presente a ele.

Ele gosta (de) que Paula lhe dê um presente.

Apagamento do SN idêntico: se a completiva tiver um SN idêntico e correferencial a outro SN da matriz, o SN repetido será apagado ou, dependendo o caso, pronominalizado.

(62) João pensava em ALGO.

João ganhar o prêmio.

João pensava que (ele) ganharia o prêmio.

Extraposição: quando a completiva exercer a função de sujeito da oração matriz, normalmente será transferida para o final da frase.

(63) ALGO é preciso.

Ele chegar logo.

É preciso que ele chegue logo.

1.2 Complementizador R:

O encaixamento de uma completiva pode ser realizado por meio do complementizador –R. Nesse caso, haverá o encaixamento de O2 no lugar da pró-forma em O1 com o acréscimo do complementizador –R (desinência modo-temporal de infinitivo) e o apagamento do SN idêntico da completiva.

Para a introdução do complementizador –R na completiva de infinitivo são necessários alguns ajustes:

Apagamento da preposição: a preposição exigida pelo verbo ora é conservada, ora é suprimida.

(64) Eu penso em estudar medicina.

(65) Eu necessito (de) viajar amanhã.

Extraposição: quando a completiva for sujeito da oração matriz, pode ser transferida para o final da frase, porém não é uma regra geral, pois existem casos em que permanece na ordem direta da frase.

(66) É necessário entregar o prêmio no evento.

(67) Prevenir acidentes é responsabilidade de todos.

Concordância: se os sujeitos da matriz e da completiva forem idênticos, o infinitivo não é flexionado, como em (68). Porém, se forem diferentes, o verbo deve se apresentar na forma flexionada, conforme (69).

Apagamento de SN idêntico: a ocorrência, na completiva, de SN idêntico e correferencial a outro SN da matriz, aquele normalmente será apagado. Porém deve-se ter cuidado para evitar ambigüidades, pois muitas vezes o apagamento do SN na construção de infinito resulta em várias interpretações. Em alguns casos, o uso do infinitivo flexionado pode desfazer a ambigüidade, como em (69).

(68) Paulo deseja ALGO.

Paulo conquistar a opinião dos eleitores.

Paulo deseja conquistar a opinião dos eleitores.

(69) Ouvi tocar a campanha. ('campanha' pode ser sujeito ou objeto.)

Ouvi a campanha tocar.

Ouvi (alguém) tocar a campanha.

Ouvi tocarem a campanha. (uso do infinitivo flexionado.)

2 Circunstanciais

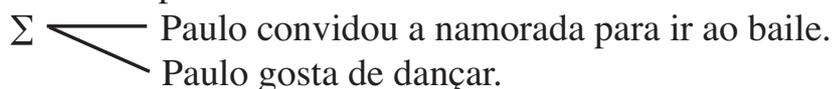
As orações circunstanciais ocupam a posição de um sintagma preposicionado modificador da matriz e são denominadas, tradicionalmente,

As orações relativas apositivas

As relativas apositivas têm valor de aposto e originam-se da coordenação de orações. São inseridas por meio de um pronome relativo ao lado do SN idêntico e separada por vírgulas de O1 justamente pelo fato de explicarem o termo ao qual se referem. Tradicionalmente, são as orações adjetivas explicativas.

(74) Paulo, que gosta de dançar, convidou a namorada para ir ao baile.

Estrutura profunda

Σ  Paulo convidou a namorada para ir ao baile.
Paulo gosta de dançar.

T. coordenação

Paulo convidou a namorada para ir ao baile e Paulo gosta de dançar.

T. apositiva

Paulo (Paulo gosta de dançar) convidou a namorada para ir ao baile.

Extraposição do SN idêntico para a posição inicial da oração encaixada;

Ocorre no vazio, pois o SN já se encontra nesta posição

Pronominalização relativa do SN idêntico da oração encaixada.

Paulo, que gosta de dançar, convidou a namorada para ir ao baile.

As relativas apositivas e as restritivas distinguem-se não só pela origem (encaixamento ou coordenação), mas também por fatores semânticos e pragmáticos, pois as primeiras explicam o termo ao qual se referem determinando a universalidade do mesmo; enquanto que as últimas indicam uma limitação na referência do elemento antecedente, restringindo-o a um conjunto. Dessa forma, é usada a vírgula para separar as relativas apositivas em decorrência de fatores sintático-semânticos e não por classificação.

METODOLOGIA

Para a análise do *corpus*, foram selecionadas duas unidades didáticas de escolas da região central de Santa Maria – RS, sendo uma de ensino particular e outra de ensino público.

Com a finalidade de se fazer um paralelo entre a gramática gerativa e a tradicional, foram verificados os métodos utilizados pelas escolas na análise de estruturas sintáticas nas respectivas unidades didáticas, e como seria esse processo com a utilização da gramática gerativa. Para isso, foram avaliados os conceitos sobre frase e oração e quatro orações circunstanciais. Notou-se, através dos exemplos e conceitos existentes nas respectivas unidades, que ambas as es-

colas utilizam a gramática tradicional, motivo pelo qual não serão diferenciadas no decorrer das análises, fazendo-se apenas uma amostragem entre a sistemática normativa e a gerativa nos exemplos apresentados, os quais, inclusive, foram retirados das próprias unidades didáticas das escolas citadas.

ANÁLISE DO CORPUS

Ao ser analisado o conceito de frase empregado por ambas as escolas, percebe-se que adotam tanto a visão tradicional como a visão gerativa, principalmente quanto à frase verbal, visto que não há propriamente uma estrutura definida, mas uma comunicação capaz de transmitir uma informação completa.

Entretanto, há divergências entre a abordagem tradicional e a gerativa no estudo das orações, pois estas, sim, apresentam uma estrutura determinada. A análise adotada pelas escolas segue a linha tradicional, uma vez que privilegia o estudo semântico e não o estrutural. Quando se estuda a oração, diz-se que é formada, obrigatoriamente, de um sujeito e um predicado. Mas não é explicado como é formado esse sujeito, nem quantos elementos formam esse sujeito. Quando é aprofundado o estudo do sujeito, acrescenta-se que é formado de um núcleo e de adjuntos adnominais. Ora, se todos os elementos que formam o sujeito, excluído seu núcleo, são adjuntos adnominais, por que certos termos ocupam determinadas posições no sintagma, se todos funcionam como adjuntos adnominais? São essas explicações que a gramática gerativa busca, detalhando a posição e função de cada elemento no sintagma, seja nominal, verbal ou preposicionado. O mesmo acontece com o predicado, pois não se explica como se forma esse predicado, nem quais são seus termos. Quando há uma explicação, é superficial e baseada em estudos semânticos.

Segundo a gramática tradicional e as unidades didáticas, em

(75) O galo cantou.

há uma oração porque é formada de sujeito e predicado. “O galo” funciona como sujeito de (75), em que o substantivo “galo” é o núcleo do sujeito e o artigo “o” é um adjunto adnominal. O predicado é formado pelo verbo “cantou” que determina a ação do sujeito. Se forem feitos alguns acréscimos no mesmo exemplo, tem-se:

(75a) O galo branco cantou no jardim de manhã.

O sujeito sintático de (75a) é “o galo branco”, formado de um núcleo “galo” e dois adjuntos adnominais. O predicado é formado pelo verbo “cantou” e dois adjuntos adverbiais: um de lugar “no jardim” e outro de tempo “de manhã”. São análises semânticas que não explicam que esses adjuntos adverbiais são oracionais, pertencendo a um terceiro e quarto constituintes da oração.

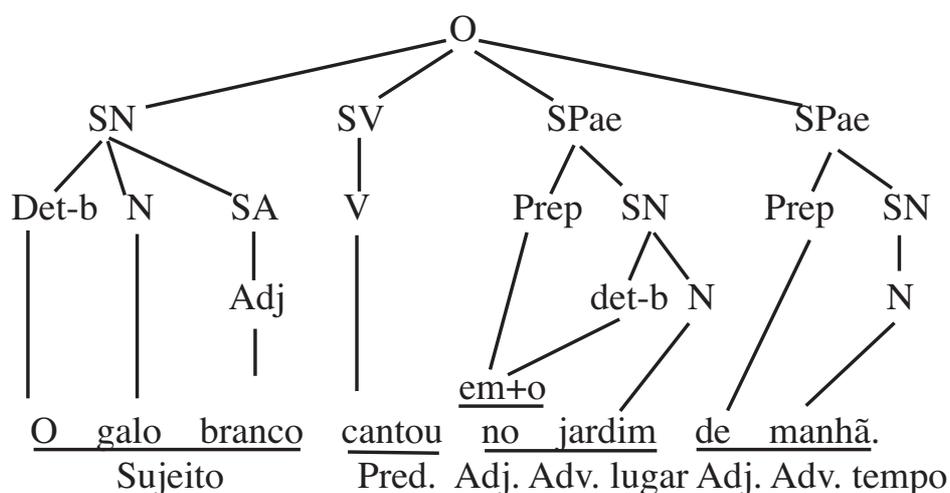
Conforme a gramática gerativa, cada termo terá sua função específica, pois tem seu papel sintático diferenciado dos demais: uns determinam, outros especificam, outros generalizam, etc. Assim, há diferenças que devem ser salientadas. Os exemplos, sob a ótica gerativa, são analisados da seguinte forma:

(75) O galo cantou.

A oração é formada por um sintagma nominal mais um sintagma verbal. Este é formado pelo Ndp “cantou”. Aquele é formado de um nome “galo” e um determinante “o”.

(75a) O galo branco cantou no jardim de manhã.

Essa oração é formada por quatro constituintes: SN + SV + SPae + SPae. O SN possui um determinante “o”, um nome “galo” e um sintagma adjetival “branco”. O SV é composto do Ndp. “cantou”. O primeiro SPae “no jardim” é formado de uma Prep “de” + SN (determinante “o” + nome “jardim”), chamado tradicionalmente de locução adverbial. O segundo SPae “de manhã” possui uma Prep “de” + um SN “manhã”. Os dois sintagmas preposicionais são de níveis oracionais. Essa análise favorece a compreensão das orações circunstanciais, pois mostra detalhadamente como é a estrutura sintática. O diagrama arbóreo da frase é:



Conhecendo-se a estrutura frasal, será muito mais fácil compreender a organização do período composto ou oração complexa, facilitando, inclusive, o ensino de pontuação, pois dá suporte ao entendimento de que as orações obedecem a certas estruturas. Ao se modificarem essas estruturas, usa-se a pontuação para deixá-las facilmente interpretáveis.

As orações circunstanciais ocupam a posição de sintagmas preposicionais externos, ou seja, aqueles de nível oracional, como em (75a). Sabe-se que um adjunto adverbial pode ser representado por um termo “cedo”, por uma locução “de manhã” ou por uma oração “ao amanhecer”.

Esses termos ocupam a mesma posição na oração e, portanto, indicam uma função oracional, pois determinam uma circunstância para toda a frase.

Aproveitando a oração (75) pode-se dizer:

(75b) O galo cantou cedo.

(75c) O galo cantou de manhã.

(75d) O galo cantou ao amanhecer.

A diferença de (75d) é que o terceiro constituinte (termos sublinhados) é uma oração. Tradicionalmente e para as escolas, “ao amanhecer” é uma oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo, pois o verbo está no infinitivo e indica uma relação de tempo. É subordinada porque depende da oração principal “O galo cantou”. De forma sintética, esta é a análise realizada.

Já, pela gramática descritiva, como afirma Perini (2000), há outras informações salientes e discordantes como:

a. Se em (75b) e (75c) tem-se uma só oração e os termos sublinhados funcionam como adjuntos adverbiais, (75d) é a oração matriz ou principal em sua integralidade, pois a oração circunstancial temporal é um constituinte de (75d), assim como “cedo” em (75b) e “de manhã” em (75c);

b. A oração circunstancial sempre ocupará o terceiro constituinte, ou seja, ocupará a posição de um SPae;

c. A oração circunstancial, embora esteja ligada ao Ndp, não tem função de complemento verbal. Ela é de nível oracional e, por isso, não pertence ao predicado.

Esses são alguns pontos que podem ser acrescentados no estudo de sintaxe, mostrando ao aluno como ocorre a construção da frase, principalmente quando se mostra as transformações que ocorrem desde a estrutura profunda até a superficial.

Analisando outro exemplo utilizado pelas respectivas escolas, tem-se:

(76) Nós voltamos cedo, porque choveu muito.

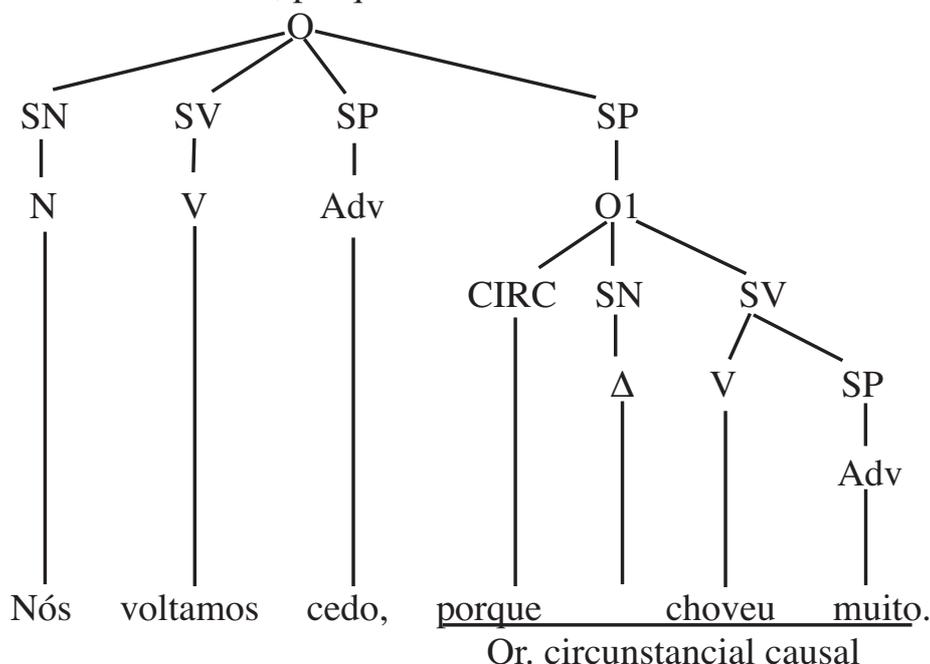
Oração principal Or. Subord. Adv. causal

Segundo o método utilizado, também tradicional, “a oração subordinada causal exprime a causa que provoca o fato contido na oração principal” (Material didático da escola A, p. 35). Desse modo, o que qualifica a oração “porque choveu muito lá” é propriamente a questão semântica, pois está sendo questionado apenas o sentido que possui no período.

Mas, se analisar (76) sob o viés da gramática gerativa, haverá mais detalhes nas explicações, mesmo mantendo alguns pontos abordados pela

gramática tradicional. A estrutura profunda de (76) se apresenta da seguinte forma:

- (i) Nós voltamos cedo POR UM MOTIVO.
- (ii) Chover muito. (oração encaixada)
- (iii) Nós voltamos cedo, porque choveu muito.



Analisando-se a estrutura profunda e o diagrama arbóreo, verificamos que a oração matriz é toda a frase, pois a oração circunstancial é o quarto constituinte que forma a oração matriz ou principal, posição sobre a qual é encaixada outra oração que indica uma circunstância de causa, aí sim, podemos trabalhar a questão semântica.

Outro ponto é o próprio nome dado às orações. Tradicionalmente, temos uma oração subordinada adverbial causal. Descritivamente, trata-se de uma oração circunstancial causal, o que simplifica e favorece o aprendizado do aluno, pois não se sujeita a nomes longos e, às vezes, complexos, como as orações reduzidas.

No material didático da escola B, tem-se o seguinte conceito: “Da mesma forma que os adjuntos adverbiais, as orações subordinadas adverbiais exprimem determinadas circunstâncias e são classificadas em função de seu sentido no texto” (p. 2). Mais uma vez, o sentido é tido como elemento principal e, talvez, único de classificação da oração subordinada. Mesmo sendo salientada a correspondência com o adjunto adverbial não é apontado que, na prática, a oração subordinada ocupa a posição de um adjunto adverbial. Dessa forma,

(77) é classificada como uma oração subordinada adverbial conformativa, pois como consta no próprio material didático, “ele não agiu de qualquer jeito, ele agiu de acordo com o regulamento”(p. 2)

(77) Ele agiu como manda o regulamento.

Or. principal Or. Subord. Adv. conformativa

Segundo a gramática gerativa, também se pode analisar a frase (76) como se segue:

a. Ela se originou da seguinte estrutura profunda:

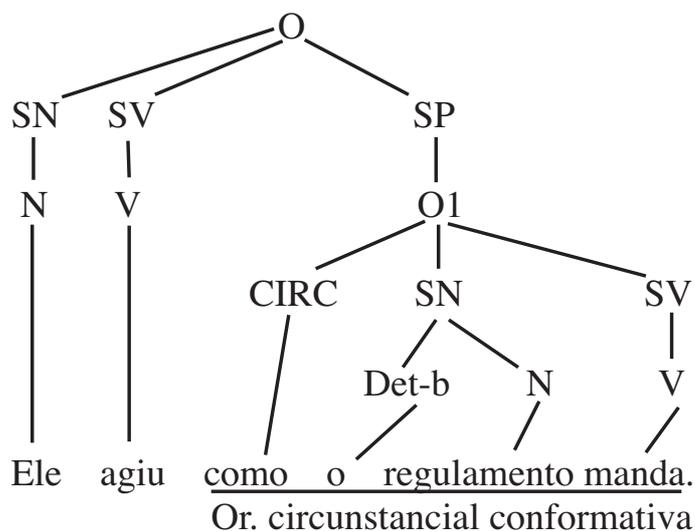
(i) Ele agiu DE ALGUMA FORMA.

(ii) O regulamento mandar. (oração encaixada)

(iii) Ele agiu como o regulamento manda.

(iv) Ele agiu como manda o regulamento. (posposição do sujeito da oração encaixada)

b. Possui o seguinte diagrama arbóreo:



c. A oração matriz é toda a frase, e a oração encaixada ocupa a posição do SP, tradicionalmente, adjunto adverbial de conformidade.

d. Semanticamente, há determinada, em (77), uma circunstância de conformidade.

e. A conjunção tem importante papel, tanto sintático como semântico. Neste, determina o sentido expresso; naquele, serve de elemento coesivo, ligando orações.

Os valores semânticos devem ser avaliados na análise sintática, mas acompanhados da estrutural, pois a análise sintático-semântica é necessária para uma melhor compreensão da língua materna. Embora sejam áreas diferentes de estudo, inter-relacionam-se na prática.

Segue outro exemplo para análise:

(78) O rapaz chorava como uma criança (chora).

Nessa oração, tanto a escola A como a escola B, salientam, conforme a gramática tradicional, que se trata de uma oração subordinada adverbial comparativa porque “ele (o rapaz) chorava igual a uma criança”, ou seja, há uma relação de comparação entre o choro do rapaz e o choro de uma criança. É por meio de valores semânticos que está sendo classificada a oração e, em nenhum momento, é apontada a questão estrutural e a posição ocupada pela oração subordinada.

Ao analisar a frase (78) segundo a visão descritiva, conforme PERINI (2000), novamente verifica-se que a oração circunstancial é um constituinte da oração principal e não uma oração ligada à principal. Assim tem-se:

(i) O rapaz chorava EM COMPARAÇÃO COM ALGO.

(ii) Uma criança chorar.

(iii) O rapaz chorava como uma criança (chora).

Percebe-se, por meio do diagrama arbóreo, que a pró-forma marca a posição onde será encaixada a oração circunstancial. E essa posição pertence a uma única oração, ou seja, à matriz. Então, a oração circunstancial comparativa é parte integrante da oração matriz e não uma oração que se liga à oração matriz por meio de uma conjunção e subordinada a esta.

A subordinação existe porque a oração encaixada é utilizada para indicar uma circunstância no período, dependendo semanticamente dos sintagmas obrigatórios (SN + SV) da oração a qual é encaixada como terceiro constituinte.

No exemplo (78), também é importante salientar que, na oração encaixada, há um verbo que não está em nível oracional, o qual será recuperado pelo contexto. O verbo “chora”, o qual foi colocado entre parênteses para simbolizar sua posição e existência, sofreu um apagamento por já existir o mesmo verbo citado anteriormente, o que favorece o entendimento da sentença.

CONCLUSÃO

As dificuldades encontradas no ensino de sintaxe da Língua Portuguesa, seja por parte dos alunos, seja por parte do corpo docente, são reflexos da superficialidade existente na abordagem tradicional. Verificou-se nesse trabalho que, segundo a gramática tradicional, os estudos sintáticos baseiam-se principalmente em regras que, na maioria, fundamentam-se em aspectos semânticos, deixando-se de lado todas as transformações ocorridas na estrutura frasal.

Com o intuito de melhorar o ensino da língua materna e instigar o aluno à reflexão e interesse nos estudos, os professores procuram meios alternativos como a interdisciplinaridade, entre outros, a fim de elevar a qualidade da aprendizagem.

Entretanto, a gramática utilizada como parâmetro no ensino continua a ser aplicada nos mesmos padrões, ou seja, através do estudo e análise de estruturas superficiais apenas.

Com o propósito de preencher as lacunas existentes na gramática tradicional, a gramática gerativa propicia um estudo detalhado sobre as transformações ocorridas na frase desde a estrutura profunda até a estrutura superficial, favorecendo um amplo entendimento sobre análise sintática, pois, se aproveitarmos a análise estrutural da gramática gerativa e a análise semântica da gramática tradicional, o estudo gramatical estará fundamentado, oferecendo ao aluno condições de reflexão e facilidade de compreensão.

Neste trabalho, procurou-se fazer um paralelo entre a gramática gerativa e a tradicional, apontando as particularidades existentes em ambas. Assim, se for ampliado o método de ensino atual, mostrando ao aluno outras possibilidades de interpretação sintática, como a gramática gerativa, estará sendo fornecido um ensino sólido e reflexivo, eliminando muitas dificuldades existentes no entendimento das estruturas frasais da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Arménio Amado, 1965. (Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Piva Raposo, 1978).

KREUTZ, Roque Amadeu. **Sintaxe da frase: teoria da subordinação**. Santa Maria: UFSM, 1995.

LEMLE, Mírian. **Análise sintática**. São Paulo: Ática, 1989.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**: São Paulo, Ática, 2000.

_____. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, M. Cecília P. de Souza; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. São Paulo, Cortês, 2001.